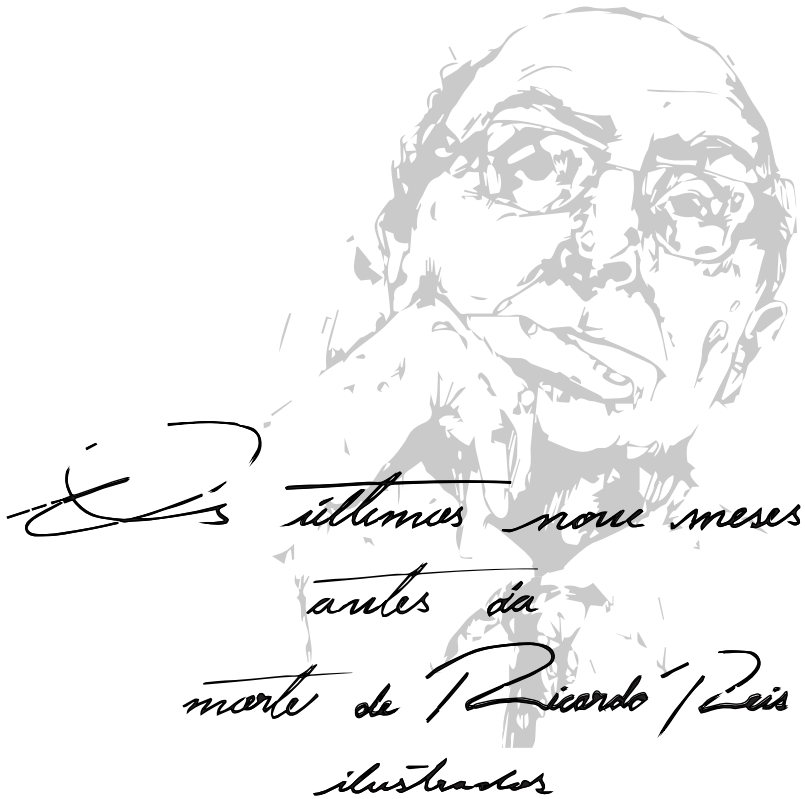




*Os últimos nove meses  
antes da  
morte de Ricardo Reis  
ilustrados*





Este livro foi realizado no âmbito das disciplinas de Português, Desenho A e Oficina de Artes, pelos alunos do 12.º H do ano letivo de 2021/2022, do Agrupamento de Escolas José Estêvão, em Aveiro.



**Alunos da turma H do 12.º ano:**

*Alberto António de Almeida Santamaria*  
*Alexandra Miguéis Nordeste*  
*Beatriz Alexandra Pereira Gomes*  
*Beatriz Monteiro Marques*  
*Cláudia Vieira Neto*  
*Daniel Fidelis Carlotto*  
*Diogo Miguel Amaral Soares Pestana Leão*  
*Francisca Afonso Pimentel Barreto*  
*Gabriela Valente Mourato*  
*Gonçalo Ribeiro Tavares*  
*Inês Sofia Costa Ruano de Castro*  
*Joana Regêncio Esperança*  
*João Vítor Lima Pires*  
*Lia da Rocha Cardoso*  
*Luiz Carlos Lemos Machado*  
*Mariana de Almeida Lopes*  
*Marco António Neto Oliveira*  
*Margarida Goulão de Mendonça Valente de Matos*  
*Maria Elisa Leite Lindo da Silva*  
*Miguel Xavier Fortes Costa*  
*Miriam Alves de Carvalho*  
*Rafael Urien Almeida Coelho*  
*Rita Moreira Fernandes*  
*Sofia Capão Calisto*  
*Sofia Diesel Mello*  
*Telma Andrade Cabral Neiva Galante*  
*Tomás Ferreira Marcos*

**Professores envolvidos:** *Alda Oliveira, Leonor Barradas e Magda Barata*  
**Edição consultada:** SARAMAGO, José - *O ano da morte de Ricardo Reis* - 1.ª ed., Porto Editora, 2017  
**edição:** AEJE - Agrupamento de Escolas José Estêvão | Aveiro  
**capa:** *Alberto Santamaria | Magda Barata*  
**Impresso em:** MINERVA CENTRAL LDA  
**ISBN:** 978-989-33-3292-4  
**depósito legal n.º** 500036/22  
**tiragem:** 250 exemplares



*Os últimos nove meses  
antes da  
morte de Ricardo Reis  
ilustrados*

Cap. I - pág 10

“Descem os primeiros passageiros. De ombros encurvados sob a chuva monótona, trazem sacos e malas de mão, e têm o ar perdido de quem viveu a viagem como um sonho de imagens fluidas, entre mar e céu, o metrónomo da proa a subir e a descer, o balanço da vaga, o horizonte hipnótico. Alguém transporta ao colo uma criança(...) a estes não correram bem os trabalhos da emigração. E uma mulher idosa, que teima em abrir um guarda-chuva, deixa cair a pequena caixa de folha verde que trazia debaixo do braço, com forma de baú, e contra as pedras do cais foi desfazer-se o cofre, solta a tampa, rebentado o fundo, não continha nada de valor, só coisas de estimação, uns trapos coloridos, umas cartas, retratos que voaram, umas contas que eram de vidro e se partiram, novelos brancos agora maculados, sumiu-se um deles entre o cais e o costado do barco, é uma passageira da terceira classe.”

*ilustrado por : Rafael Urien Coelho*



20  
22

Cap. I - pág. 25

“uma rapariga de uns vinte anos, se os tem, magra, ainda que mais exato seria dizer delgada”

*ilustração de: Alberto António Santamaria*



Marcenda



Alta Souture

Cap. I - pág. 31

" Pelas ruas ermas de Lisboa anda a cadela Ugolina a babar-se de sangue, rosnando às portas, uivando em praças e jardins, mordendo furiosa o próprio ventre onde já está a gerar-se a próxima ninhada."

*ilustração de: Miriam Alves de Carvalho*



Cap. II - págs. 50-51

“e ambos se olharam de frente, a chuva batia fortíssima nas vidraças, acelerara-se o ritmo, agora rufava como um tambor”

*ilustração de: Sofia Capão Calisto*





Cap. III - pág. 88

“...sentado no sofá estava um homem, reconheceu-o imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa”

*ilustração de: Sofia Diesel Mello*





2021

Cap. IV - pág. 110

"aberta foi a porta deste quarto, em silêncio, fechada está, um vulto atravessa tentando, para à beira da cama, a mão de Ricardo Reis avança e encontra uma mão gelada, puxou-a, Lídia treme, só sabe dizer, Tenho frio, e ele cala-se, está a pensar se deve ou não beijá-la na boca, que triste pensamento."

*ilustração de: Alexandra Miguéis Nordeste*





Cap.V - pág. 123

"por entre os grupos ia Ricardo Reis ouvindo, tão atento como se fosse ele o autor, mas vigiava de longe os movimentos do doutor Sampaio, o que queria era fazer-se encontrado."

*ilustração de: Lia da Rocha Cardoso*



Cap. VI - pág. 142

“Entrou outra vez Lúdia, viu que Marcenda tinha o rosto corado e os olhos húmidos, de Ricardo Reis o relance de um punho fechado que servia de apoio à face esquerda”

*ilustração de: Rita Moreira Fernandes*



RITA



Cap. VII - págs. 165-166

“e agora aparece aquele a protestar que temos colónias a mais, quando na verdade as temos a menos, haja em vista o mapa cor-de-rosa, tivesse ele vingado, como era de justiça, e hoje ninguém nos poria o pé adiante, de Angola à Contracosta tudo seria chão e bandeira portuguesa. (...) o ponto de vista (...) dele, Pessoa, profético, sobre o advento do Quinto Império para que estamos fadados, e como se resolverá, por um lado, a contradição, que é sua, de não precisar de colónias para aquele imperial destino, mas de sem elas se diminuir perante si mesmo e ante o mundo, material como moralmente, e, por outro lado, a hipótese de virem a ser entregues à Alemanha colónias nossas, e à Itália”

*ilustração de: Diogo Miguel A. S. Pestana Leão*



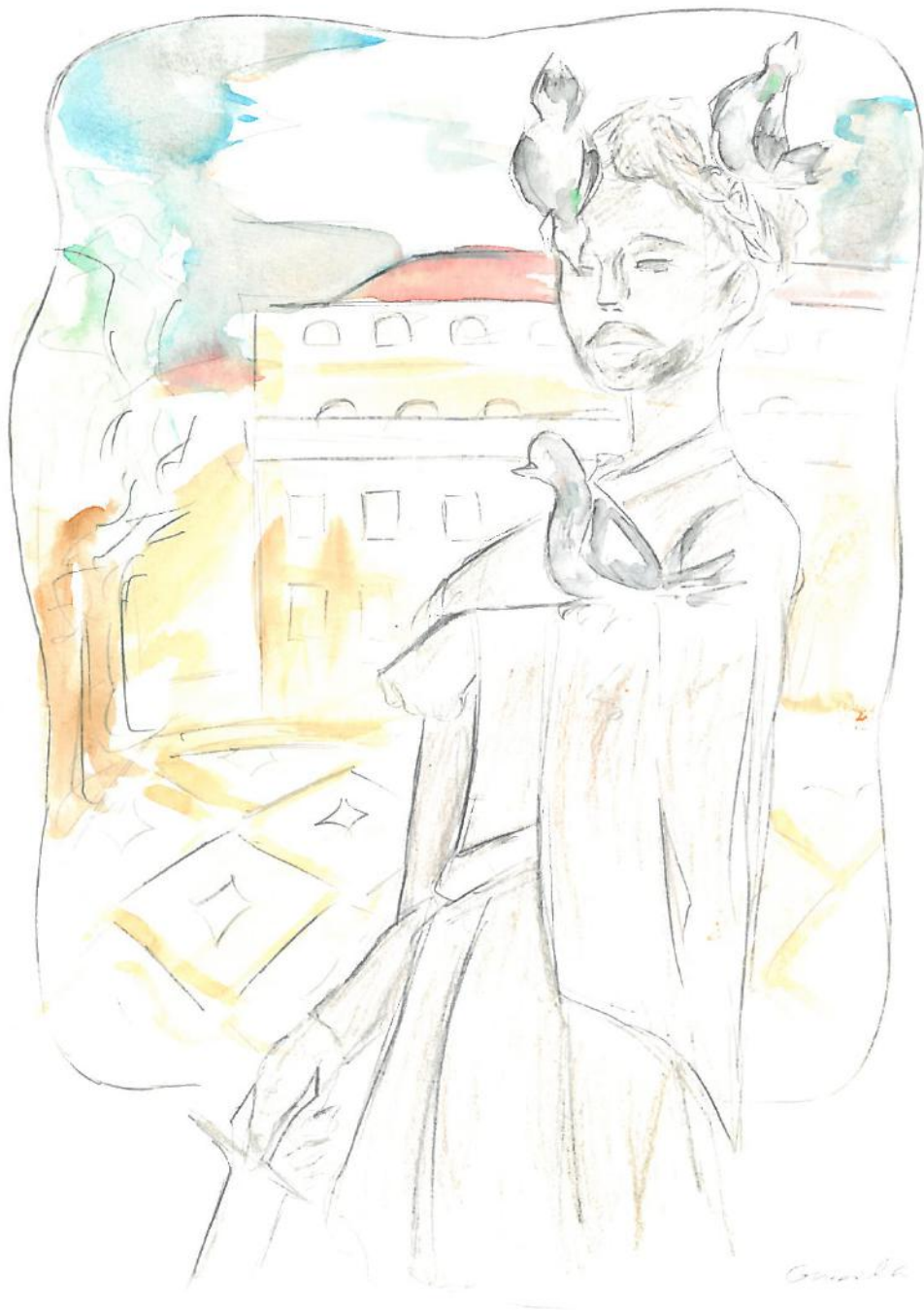
DL

Cap. IX – pág. 208

Ricardo Reis “atravessou a praça onde puseram o poeta, todos os caminhos portugueses vão dar a Camões, de cada vez mudado consoante os olhos que o veem, em vida sua braço às armas feito e mente às musas dada, agora de espada na bainha, cerrado o livro, os olhos cegos, ambos, tanto lhos picaram os pombos como os olhares indiferentes de quem passa.”

*ilustração de: Gabriela Valente Mourato*



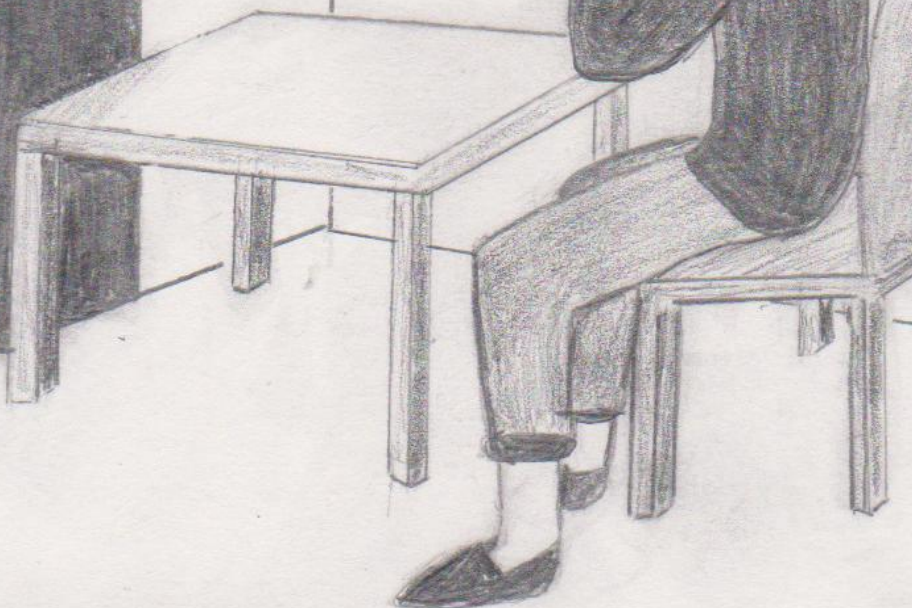
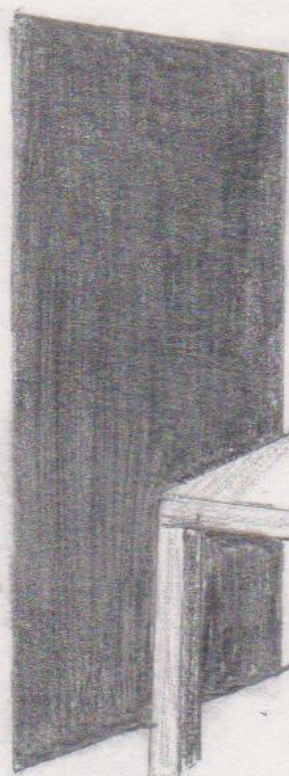


Goswami

Cap. IX - pág. 219

"Assim é, mas tenho de insistir que não compreendo qual é o objetivo deste interrogatório".

*ilustração de: Miguel Xavier Fortes Costa*



Cap. IX - pág. 239

"Sozinho agora, com a chave na mão, Ricardo Reis percorreu de novo toda a casa, não pensava, olhava apenas, depois foi à janela, a proa dos barcos estava virada para cima, para montante, sinal de que a maré descia. Os velhos continuavam sentados no mesmo banco."

*ilustração de: Tomás Ferreira Marcos*





T.M.

Cap. X - pág. 253

“Nas traseiras do prédio há quintais com alguma roupa estendida, pequenos canteiros de hortaliças cor de cinza, selhas, tanques de cimento, a casota de um cão, coelheiras e galinheiros, olhando-os refletiu Ricardo Reis no enigma semântico de ter dado coelho coelheira e galinha galinheiro, cada género transitando para o seu contrário, ou oposto, ou complementar, segundo o ponto de vista e o humor da ocasião.”

*ilustração de: Beatriz Monteiro Marques*





Cap. XI - pág. 269

"Os velhos encaram com Ricardo Reis, desconfiam daquele rondar em torno da estátua, mais convencidos agora ficam de que há mistério neste homem, quem é, que faz, de que vive."

*ilustração de: Luiz Carlos Lemos Machado*





CLM

Cap. XII - pág. 277

“Toda a gente deve ter o seu salário, O meu salário é o seu bom trato, esta palavra merecia realmente um beijo, e Ricardo Reis deu-o, enfim na boca. Já ele tinha a mão no trinco da porta, parece não haver mais que dizer, selou-se o contrato”

*ilustração de: Joana Regêncio Esperança*

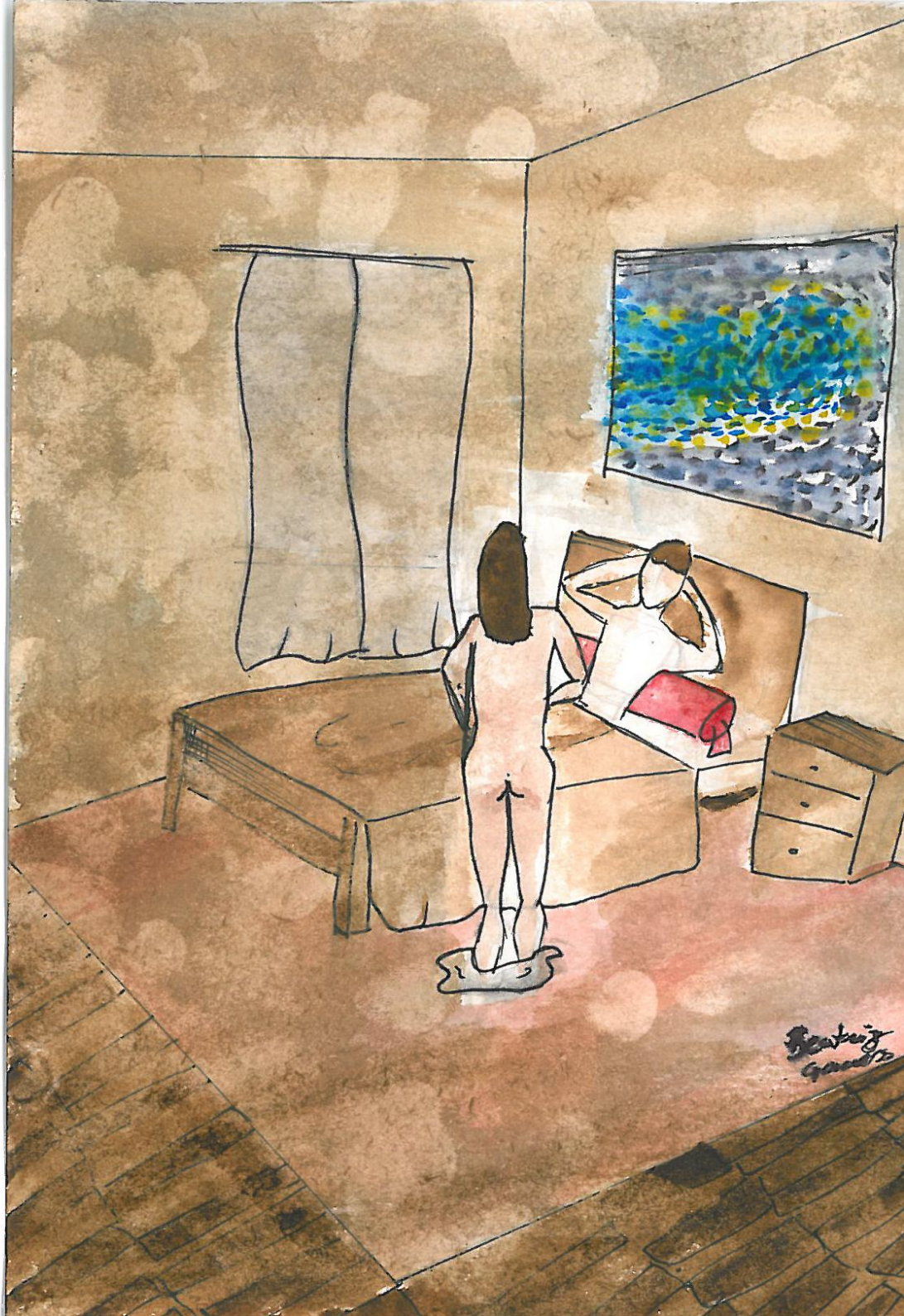


Cap. XII - pág. 298

“então Lídia entra, segura ainda a toalha à sua frente, com ela se esconde, não delgado cendal, mas deixa-a cair ao chão quando se aproxima da cama, enfim aparece corajosamente nua, hoje é dia de não ter frio, dentro e fora todo o seu corpo arde, e é Ricardo Reis quem treme, chega-se infantilmente para ela, pela primeira vez estão ambos nus, depois de tanto tempo, a primavera sempre acabou por chegar”

*ilustração de: Beatriz Alexandra Pereira Gomes*





Beating  
Grand

Cap. XII - págs. 304-305

“com um povo destes não é possível ser convicto e solene, não é possível oferecer a vida no altar da pátria, devíamos aprender com os ditos alemães, olhar como aclamam Hitler na Wilhelmplatz, ouvir como imploram, apaixonados, Queremos ver o Führer, Führer sê bom, Führer aparece, gritando até enrouquecerem, com os rostos cobertos de suor”

*ilustração de: João Vítor Lima Pires*





Cap. XIII - págs. 321-322

“Ricardo Reis sentou-se ao lado de Fernando Pessoa, no escuro da noite sobressai a brancura da cara e das mãos, a alvura da camisa, o resto confunde-se, mal se distingue o fato preto da sombra que a estátua projeta, não há ninguém no jardim”

*ilustração de: Cláudia Vieira Neto*





Cap. XIII - pág. 344

“Marcenda, case comigo, disse Ricardo Reis, ela olhou-o, subitamente pálida, depois disse, Não, muito devagar o disse (...), Não seríamos felizes.”

*ilustração de: Margarida Goulão de M.V. de Matos*



Cap. XIV - pág. 347

“Aos poucos dias chegou uma carta, a conhecida cor de violeta exangue, o mesmo carimbo negro sobre o selo, a mesma caligrafia que sabemos ser angulosa por faltar à folha de papel o amparo da outra mão, a mesma pausa longa antes que Ricardo Reis abrisse o sobrescrito”.

*ilustração de: Gonçalo Ribeiro Tavares*



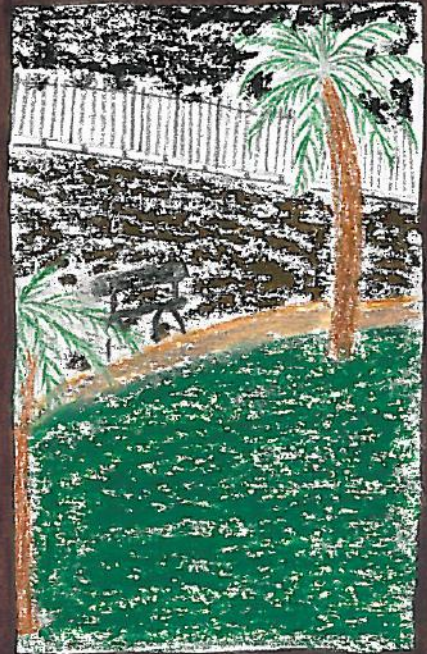
am



Cap. XV - pág. 383

“Ricardo Reis está sozinho na sua casa, (...) vê da janela o rio e os longes do Montijo, o pedregulho do Adamastor, (...) as palmeiras.”

*ilustração de: Telma Andrade C. N. Galante*

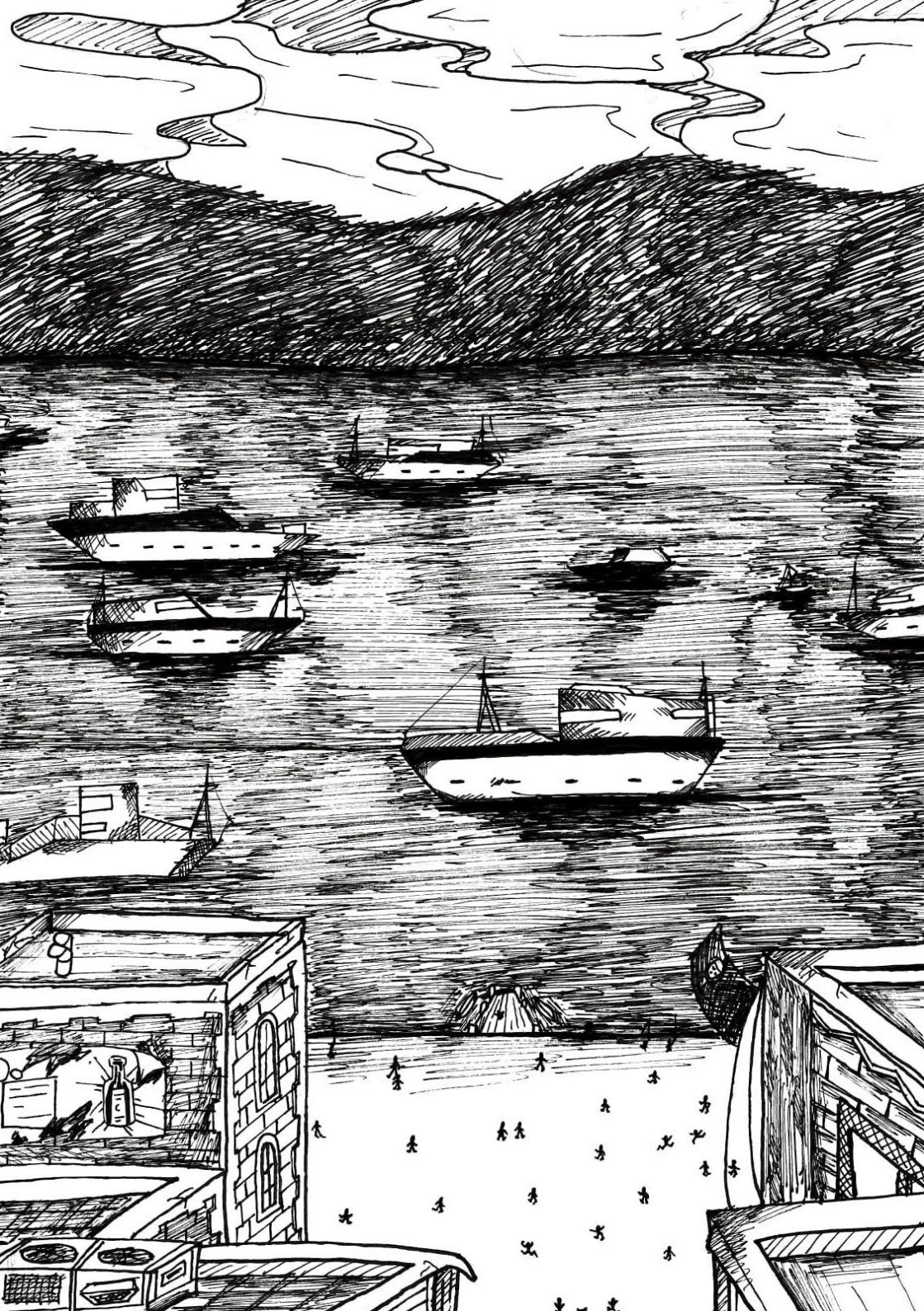


Cap. XVI - pág. 408

“Os barcos entram e saem, com as suas bandeiras, as fumarentas chaminés, os minúsculos marinheiros, a potente voz das sirenes, de tanto que a ouviram nas tormentas do oceano, soprada nos búzios furiosos, os homens acabaram por aprender a falar de igual para igual com o deus dos mares.”

*ilustração de: Daniel Fidelis Carlotto*





Cap. XVII - págs. 439-440

“o que eu não quero saber, não existe, o único problema verdadeiro é como jogará o cavalo da rainha, e se lhe chamo verdadeiro problema não é porque o seja realmente, mas porque não tenho outro.”

*ilustração de: Marco António Neto Oliveira*

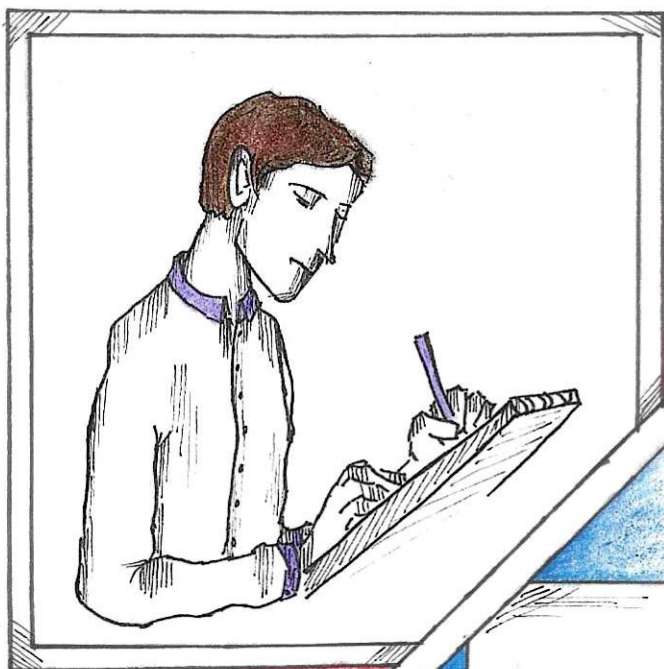




Cap. XVI - pág. 418

“ A esta mesma hora, naquele segundo andar da Rua de Santa Catarina, Ricardo Reis tenta escrever um poema a Marcenda, para que amanhã não se diga que Marcenda passou em vão, Saudoso já deste verão que vejo, lágrimas para as flores dele emprego na lembrança invertida de quando hei-de perdê-las, esta ficará sendo a primeira parte da ode, até aqui ninguém adivinharia que de Marcenda se vai falar, embora se saiba que muitas vezes começamos por falar de horizonte porque é o mais curto caminho para chegar ao coração.”

*ilustração de: Francisca Afonso Pimentel Barreto*



Saudoso já desde Verão que vejo.  
Lágrimas para as flores dele emprego  
Na lembrança invertida  
De quando hei-de perdê-las.  
Transpostos os portais irreparáveis  
De cada ano, me antecipo a sombra  
Em que hei-de errar, sem flores  
No abismo ~~(e)~~ rumoroso.  
E colho a rosa porque a sorte manda.  
Maranda, guardo-a; murche-se comigo  
Antes que com a curva  
Diurna da ampla terra.

Cap. XVIII - pág. 467

“Depois, na cozinha, enquanto lava a louça suja acumulada, desatam-se-lhe as lágrimas, pela primeira vez pergunta a si mesma o que vem fazer a esta casa, ser a criada do senhor doutor, a mulher-a-dias, nem sequer a amante, porque há igualdade nesta palavra, amante, amante, tanto faz macho como fêmea, e eles não são iguais, e então já não sabe se chora pelos mortos de Badajoz, se por esta morte sua que é sentir-se nada.”

*ilustração de: Inês Sofia Costa Ruano de Castro*





Cap. XVIII - pág. 478

“...e foi lançar por cima das grades do jardim a sua chuva de papelinhos, carnaval triste, a brisa da madrugada levou-os por cima dos telhados...”

*ilustração de: Maria Elisa Leite Lindo da Silva*



Cap. XIX - pág. 494

“Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis. O Adamastor não se voltou para ver, parecia-lhe que desta vez ia ser capaz de dar o grande grito.”

*ilustração de: Mariana de Almeida Lopes*

*“Aqui, onde o mar se acabou  
e a terra espera.”*



